

SEMBLANTES (IM) PERFEITOS DA PERVERSÃO: QUANDO A DECOMPOSIÇÃO ENCARNA O OUTRO

Letícia Simões Velloso Schuler (UFPB) ¹

Hermano de França Rodrigues (UFPB) ²

Resumo: No século XIX, a psiquiatria inicia as classificações das práticas sexuais e estigmatiza a dor como obtenção do prazer. Nessa esteira, Richard von Krafft-Ebing, compreendeu os itinerários da sexualidade como anômalos e dolorosos. Freud considerava o sadismo e o masoquismo como componentes da sexualidade humana. Destarte, o presente trabalho, alicerçado nos constructos teóricos freudianos, debruçar-se-á sobre o conto *Avalanche*, da escritora brasileira Leila Guenther (2006), a fim de demarcar e analisar a representação sadomasoquista presente na narrativa, que nos evidencia o encontro entre um sádico e uma masoquista, repleto de relatos, anseios e desejos.

Palavras-chave: Erotismo; literatura; psicanálise

Introdução

O uso do termo “perversão” não teve origem na psicanálise, mas na sexologia do século XIX, cujo sentido era relacionado a um desvio sexual. Derivada do latim *perversione*, cujo significado se refere ao ato ou efeito de perverte-se, o verbete teve sentidos atribuídos a termos patológicos. Destacamos as perversões sexuais, apesar de que, posteriormente, mesmo sem o adjetivo, cristalizaram-se como algo sexualmente pressuposto. Estas adentraram no vocabulário da psiquiatria como sendo anomalias ou aberrações de conduta sexual. Através desse trabalho, procuramos, dentre outros objetivos, decifrar a dinâmica das perversões, mais especificamente, sádicas e masoquistas, que recobrem a narrativa eleita para análise.

Isto posto, o nosso trabalho, alicerçado nos construtos teóricos da psicanálise freudiana, debruça-se sobre a relação sadomasoquista estabelecida entre os personagens do conto “Avalanche”, da escritora Leila Guenther. Especificamente, procuramos elucidar de que forma essa dinâmica acontece, quais as razões que motivaram o personagem a devorar ritualmente o corpo do outro, visto que ele exerce a sua

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: <leticiaschuler6@gmail.com>

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orientador do presente trabalho. Contato: <hermanorgs@gmail.com>

genitalidade a partir dessas duas formas de perversão. Enfim, tentaremos entender essas manifestações que só encontram o prazer por outras vias.

Desse modo, dividimos nossa discussão em três momentos: primeiro, dedicamo-nos a um breve percurso histórico referente à temática a ser analisada no *corpus* em questão, tendo como base os estudos feitos pela psiquiatria do século XIX. Em seguida, numa abordagem mais psicanalítica, apresentamos o entendimento de Sigmund Freud acerca do sadismo e do masoquismo, que até então, tal encontro entre prazer e dor, não era considerado como passível de acontecer – tais sentimentos eram vistos como opostos – o que suscitou as investidas teóricas por parte do psicanalista. Por fim, após detalharmos e explicarmos a teoria utilizada, recorreremos ao texto literário a fim de analisá-lo, com o desejo de perceber como as atitudes e desejos das personagens dialogam com a teoria freudiana.

Pois, conforme apontou Jean Bellemin-Nöel (1978), em sua obra *Psicanálise e Literatura*, acreditamos que a teoria psicanalítica é uma peça fundamental dentre várias no processo de decifração e transformação do texto literário, ou seja, temos por finalidade “descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.” (BELLEMIN-NÖEL, 1978, p. 13)

A dinâmica perversa

As categorias que nos propomos a analisar neste trabalho são consideradas desvios sexuais que estão inseridas no campo da perversão. Porém, antes de adentrarmos nesses comportamentos específicos e detalharmos suas características, faz-se necessária uma explicação acerca desse termo reservado para designar o desvio de uma função normal, especialmente no campo psíquico.

O termo que nos propusemos a detalhar e explicar neste trabalho traz consigo um peso que acaba contribuindo para que essa designação seja associada a uma forma de julgamento moral. Ao retornarmos à época medieval, por exemplo, percebemos que o uso dessa palavra é carregado de juízos de valor. Mas, antes de adentrarmos nessa categoria específica, é necessário compreender como a expressão da sexualidade e o sexo eram concebidos em épocas específicas.

Durante o século XVIII, surge certa inclinação para se falar de sexo não como algo a ser condenado, mas que fosse passível de ordem. Surge, assim, um tipo de

discurso que apelava para a primazia da utilidade do ato sexual para reprodução. Essa ocasião marca o início de uma série de afirmações e considerações da sexualidade como aquela que deveria ser tratada como instrumento de análise e interferência. Com isso, no meio social, esse conjunto de comportamentos que concernia apenas à satisfação do desejo sexual, passavam a ser reprimidos em sua busca pelo prazer, e aqueles que fugiam da norma eram praticamente proscritos da própria civilização.

Os estudos e compreensão acerca da sexualidade humana passam por mudanças a partir do século XIX. Isso ocorre devido ao surgimento da sexologia que toma, para si, o propósito de descrever as práticas sexuais, classificando-as em “saudáveis” ou “perversas” e, concomitantemente a esse fato, a medicina era influenciada por ideais higienistas. Temos, assim, o termo “perversão” nos contornos mais modernos, que passa a integrar o vocabulário médico, na acepção de um desvio sexual ou de uma degradação de uma função orgânica.

Nesse itinerário da medicina ascendente, a expressão da sexualidade humana que demonstrasse qualquer incidência de transgressão, era catalogada, desmoralizada e tratada como uma anormalidade sexual que se acreditava existir. Dessa forma, um dos preceptores mais notórios a realizar essa tarefa foi o psiquiatra alemão Richard von Krafft – Ebing, que, em 1886, publica a obra *Psychopathia Sexualis*. Nessa célebre obra médica, encontram-se catalogadas em torno de 238 casos daquilo que a ciência médica classificava como transtornos psicosexuais. O incesto, o sadomasoquismo, a necrofilia, a pederastia, o exibicionismo, entre outros desvios sexuais, são exemplos de quadros que a medicina da época classificava como sendo práticas degenerativas e que são observados em tal coletânea. Ainda na mesma obra, o psiquiatra define os perversos como “filhos ilegítimos da natureza” e denomina as perversões sexuais como sendo “parestésias do instinto sexual”.

Michel Foucault ([1976] 2015), em sua obra *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976), traz algumas considerações a respeito desses discursos presentes nos séculos XIX e XX, quando ele afirma que, nesse período, houve “uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das ‘perversões’” (FOUCAULT, 2015, p. 41). Em um dos tópicos do segundo capítulo, o filósofo e teórico francês afirma que “da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis;

organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos (...)”(FOUCAULT, 2015, p. 40). E ainda questiona qual seria o objetivo final daquilo que ele considera como sendo “uma atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade”. Seria uma forma de “assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir as formas das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?” (FOUCAULT, 2015, p. 40).

A visão de que a perversão seria ou não um tipo de conduta sexual que serviria como diagnóstico, ou seja, esse embate de considerá-la ou não uma patologia, é abordado também por Ferraz (2010), quando ele questiona se a perversão seria “uma forma de conduta sexual passível de aparecer em quadros diagnósticos variados ou seria ela uma estrutura psíquica independente”. E afirma que o psicanalista austríaco Otto Kernberg debruçou-se sobre essa questão de tal forma que dividiu as manifestações da perversão a partir do ponto de vista estrutural. A partir dessa divisão, o teórico reservou o termo “estrutura perversa”, “para os casos de perversão na organização *borderline* de personalidade” (FERRAZ, 2010, p. 20).

À vista disso, a concepção médica vigente era de que todo prazer sexual deveria estar relacionado apenas a uma função puramente biológica, ou seja, toda e qualquer atividade que não contemplasse a reprodução da espécie, a procriação, era considerada perversa. Enfim, tanto uma degeneração moral quanto biológica.

Durante o fim século XIX, outra ciência estrutura-se a fim de compreender o psiquismo humano de uma forma distinta: a psicanálise. Assim, diversos autores fazem suas considerações acerca da perversão, aceitando-a como categoria diagnóstica, “lado a lado com a neurose e a psicose e, até mesmo, com a personalidade psicopática ou antissocial, [tais] como Ferenczi (1992) e Melanie Klein (1981). A psicanálise lacaniana (...) colocou a figura da estrutura perversa como uma das possíveis organizações psíquicas” (FERRAZ, 2010, p. 20) na passagem para o século XX até mais recentemente.

Enfim, essa nova ciência rompe com paradigmas e preconceitos acerca da sexualidade humana. Mas, é com base nas teorias freudianas, que serão explicadas e detalhadas a seguir, que iremos analisar as questões referentes à perversão e como elas se determinam na vida psíquica do sujeito.

O encontro entre a dor e o prazer

Durante o século XX, época esta que procede o momento que foi palco para muitas transformações acerca das concepções e teorias que envolviam a sexualidade humana, Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, debruça-se pela primeira vez na teoria das perversões. O psicanalista baseia-se nos postulados escritos pelo Richard von Krafft-Ebing para analisar a perversão não mais como um fenômeno puramente sexual orgânico, mas já como um fenômeno psíquico. Essa concepção passa a considerar mais a subjetividade do indivíduo do que, essencialmente, as práticas exercidas por ele no contexto social.

Em 1905, Freud desenvolveu uma das primeiras abordagens acerca do termo, em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nela, apesar de ainda vislumbrar algumas características do pensamento médico do século anterior, o teórico discorre sobre anomalias sexuais denominando-as como “aberrações”. O ato perverso, segundo ele, tem relação com a primazia da genitalidade e que seria um resultado do desenvolvimento psicosexual da criança. Dessa forma, aquilo que seria visto como “normal”, seria o escoamento da libido para os genitais, e qualquer modificação dessa premissa, seria concebida como perversão.

Nessa perspectiva, é possível encontrar um traço perverso na atividade sexual da maioria dos indivíduos, já que, nas relações sexuais, existem as “metas sexuais provisórias”, que, segundo Freud, são aquelas atividades que aumentam a excitação e duram até a obtenção da meta sexual final. Assim, ao comparar com os estudos das perversões feitos pelos médicos, quando estes atribuíram ao termo o caráter de sintomas de doenças ou degeneração, o psicanalista conclui que:

A experiência diária mostra que essas extensões, em sua maioria – as menos sérias entre elas, de toda forma - , são um componente que raras vezes falta na vida sexual das pessoas sãs, e que estas as julgam como as outras intimidades. (...) Em nenhum indivíduo são estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado perverso, e já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar reprovativamente o nome “perversão” (FREUD, 2016, p. 55-56).

Assim, a perversão sexual apenas se configura como um sistema patológico, caso as metas sexuais provisórias ocupassem o lugar da meta sexual normal ou assumissem o eixo organizador da sexualidade, ou seja, quando o sadismo e o masoquismo, categorias que iremos analisar posteriormente, substituem o espaço da normalidade pelo viés da

exclusividade e da fixação. A “normalidade” estaria, assim, relacionada à primazia da sexualidade genital.

Durante o texto, Freud se detém, pela primeira vez, especificamente, sobre a questão do sadismo e do masoquismo. Tais desvios são vistos por ele como “a mais frequente e mais significativa de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida” (FREUD, [1905] 2016, p. 51). Nele, ao apropriar-se dos termos já introduzidos e discutidos previamente por Krafft-Ebing, o pai da psicanálise amplia a abordagem para tais conceitos entendendo-os não apenas como um desvio sexual, mas, sim, como algo implícito à sexualidade humana.

Ao referir-se especificamente sobre cada uma das designações, o mestre vienense situa o sadismo como sendo correspondente a uma atitude ativa, violenta com uma inclinação a subjugar o objeto sexual a fim de atingir a satisfação. Já a significação do masoquismo, corresponde a uma atitude passiva em relação tanto ao sexo quanto ao objeto sexual, e sua satisfação ocorre quando esta é vinculada ao sofrimento psíquico ou físico por parte do objeto sexual. Freud ainda situa o masoquismo como sendo uma transformação tardia do sadismo, sendo considerado, assim, como uma disposição primária da sexualidade, afirmando que: “Frequentemente é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual” (FREUD [1905] 2016, p. 52-53). Assim, podemos observar que, ao incorporar esses desvios sexuais em sua obra, o psicanalista os analisa de forma interligada, no sentido de complementaridade.

A discussão acerca da problemática é retomada no seu texto de 1919, *‘Batem numa criança’: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*. Neste caso, baseando-se naquilo que ele observou em muitos de seus pacientes, Freud disserta sobre um conjunto de fantasias primitivas que eram apresentadas a partir de situações com uma energia sexual, com sentimentos ligados ao prazer. Em seu auge, havia uma satisfação masturbatória, e é daí que ele afirma que cada uma dessas fantasias “era geralmente investida de elevado prazer e se concluía num ato de prazerosa satisfação autoerótica” (FREUD, [1919] 2016, p. 222). Nelas, o psicanalista verificou uma explicação viável para a origem das perversões sexuais, mais especificamente do masoquismo. Dessa forma, ele diferenciou as fantasias em três momentos distintos, cada qual com seu significado.

A primeira situação é caracterizada pela asserção *meu pai bate na criança que odeio*, e é representada pela criança que fantasia observando a pessoa que bate numa outra criança, a qual nunca é a mesma que fantasia, pois num primeiro momento, não é identificada, mas, posteriormente, verifica-se que é o pai da própria criança.

Na segunda situação, a figura do pai batendo numa criança é mantida, mas, ocorre uma mudança em relação à criança que sofre a punição, pois, esta passa a ser a mesma que fantasia. Podemos caracterizar essa fantasia por meio da asserção *sou castigada por meu pai*. Neste caso, pode-se verificar que a criança “tem caráter indubitavelmente masoquista” (FREUD, [1919] 2016, p. 227).

Por fim, na terceira situação da fantasia de espancamento, os personagens de tal representação são substituídos por indivíduos anônimos. Aqui, a figura do pai pode vir a ser representada por alguém que o simbolize, por exemplo, um professor, e, a criança castigada que, na situação anterior, era a mesma que fantasiava, passa a ser uma criança qualquer.

Em 1924, Freud escreve sua última consideração sobre o masoquismo, este trabalho, tem como título, *O problema econômico do masoquismo*. Nele, o psicanalista reestrutura suas antigas concepções acerca desse desvio sexual e este passa a ser entendido como uma combinação entre as pulsões de vida e de morte, responsáveis por orientar o psiquismo humano. Ademais, esse desvio que antes era visto como posterior ao sadismo, agora é colocado como seu antecessor.

Assim, ele contempla três configurações distintas para o masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral. A primeira delas exerce um papel, uma “condição pra a excitação sexual” (FREUD, [1924] 2016, p. 168), ou seja, o masoquista alcança a satisfação sexual na dor. O masoquismo feminino representa os desejos inconscientes do indivíduo em exercer uma posição feminina, castrada, ser possuída, ou seja, uma posição passiva ante seus objetos sexuais. Por fim, o masoquismo moral compreende um comportamento ligado apenas ao sofrimento, independentemente se ele for infligido pela pessoa amada ou por qualquer outra e um sentimento de culpa inconsciente.

Isto posto, tendo em vista esta breve apresentação das reflexões que Freud dispensou à noção de perversão e a respeito do sadismo e do masoquismo, podemos, então, debruçar-nos sobre a narrativa em questão, a fim de tentar apreender de que maneira os protagonistas reforçam suas pulsões na dinâmica sadomasoquista.

O teatro erótico do sadomasoquista

Leila Guenther é uma escritora contemporânea brasileira e autora de diversos poemas e contos, sendo alguns destes, publicados em sua obra intitulada *O voo noturno das galinhas* (2006), além de estarem presentes em algumas antologias organizadas por outros autores. Assim, o conto que nos propomos a analisar compõe essa coletânea. *Avalanche* tem como principal característica uma narrativa que se desenvolve apenas no campo da suposição. O conto tem como enredo um possível encontro de um casal, que não é nomeado. Durante a sequência dos acontecimentos, o narrador descreve a possível relação sexual dos personagens, e, conforme alguns detalhes são revelados, podemos afirmar que se trata de uma relação sadomasoquista.

Além disso, é interessante destacar que o estilo utilizado para a composição do conto, uma vez que este fora escrito em apenas um parágrafo, o que nos dá a sensação de intensidade, rapidez, violência, uma verdadeira avalanche de sentimentos e sensações. Essa estética reforça o laço sadomasoquista sobre o qual iremos nos debruçar.

A narrativa tem início com a lembrança da figura masculina do último encontro que tivera com a garota depois de algum tempo sem encontrá-la - o que acaba despertando nele sentimentos capazes de infligir dor -, e, assim, “por fúria ou em sinal de castigo, ele mordeu suas costas até deixar nelas várias manchas circulares, assim desenhadas por causa dos arcos dos dentes, e que, por sua vez, formavam um outro círculo, maior e mais perfeito (...)” (FERNANDES, 2012, p. 193). Já, nessa passagem inaugural, podemos apreender aspectos da dinâmica libidinal que, ao longo da narrativa, irá conduzir essa relação dos protagonistas.

Dessa forma, tendo como base essas passagens iniciais, é válido retomarmos a concepção freudiana acerca desses dois movimentos inseparáveis do ponto de vista psíquico. Para Freud, o sadismo, forma ativa, cuja origem pode ser explicada na sexualidade normal, apresenta vestígios de agressão devido a uma condição biológica de vencer a resistência do objeto sexual, característica essa que fica evidente ao analisarmos as atitudes dessa figura masculina. A partir da descrição desse último encontro que tiveram, fica evidente que, enquanto ele assume esse caráter sádico, a garota apresenta traços masoquistas.

Num segundo momento, o narrador apresenta a outra face dessa relação, descrevendo os sentimentos daquela que se submete aos desejos do companheiro, mas que “tampouco permitiria que outro a ferisse, porque ele, com seu método, tem a medida exata ao calcular o peso que depositará nas próprias mãos (...) feitas para espancar (...)” (FERNANDES, 2012, p. 194). Como apontamos no tópico anterior, uma das três configurações que Freud estabeleceu para o masoquismo foi o feminino, sendo este caracterizado pela necessidade do sujeito em assumir uma posição passiva ante seu objeto sexual. De fato, como já expomos, este é o lugar reservado a essa figura feminina nessa cena erótica.

Enquanto o personagem aguarda a chegada da companheira, ele começa a imaginar o momento da sua entrada e tudo o que eles farão em sequência, inclusive de que forma terá início a relação entre eles, que acontece no instante em que “ele a apertará contra si num gesto brusco, (...) cravando as unhas em suas costas até que no rosto dela se possa ver, com o canto do olho, a expressão de mártir.”. Posteriormente, todo um roteiro é seguido, com início, meio e fim, por meio do qual o personagem satisfaz seus desejos inconscientes e, dessa forma, vive sua sexualidade:

Com uma longa corrente, ele a amarrará dos pulsos erguidos no alto da cabeça aos tornozelos, criando motivos geométricos cuja intersecção se dá entre os seios, sobre o ventre e no meio das coxas. Apertará os mamilos com pregadores de roupas que ela recusará num primeiro momento (...). Ele, logo que detiver os olhos em suas costas, admirará todos os ferimentos que causou, pensando que ela, sem dúvida, fica muito mais bonita assim, com o sangue na superfície da pele agora avermelhada (...) (FERNANDES, 2012, p. 195).

Fica evidente que o gozo só é alcançado a partir da utilização de objetos e de ações, situações estas que são descritas do trecho anteriormente destacado. Esse prazer em devorar de, maneira ritualística, esse corpo, só pode ser atingido quando este estiver alicerçado na dor. E, ao final de toda essa cena, o personagem, “instaurando o momento em que o ideal de cada um, tão oposto mas tão complementar, conflui para um mesmo ponto, cuidará de suas feridas, uma a uma, com zelo de samaritana” (FERNANDES, 2012, p. 195).

Avalanche é narrado sob a ótica de um narrador em 3ª pessoa e tem como enredo a narração de uma relação sexual. Assim, chegamos à conclusão de que este terceiro integrante assume o papel de *voyeur*, visto que diz respeito a um indivíduo que observa outras pessoas numa relação sexual. Ele exerce o papel de descrever as decisões que vão sendo tomadas durante a cena sadomasoquista.

O desfecho do conto ocorre com uma a seguinte frase: “Se ela vier”. Essa breve passagem nos remete à conclusão feita pelo mestre vienense quando ele afirma que todo sádico é um masoquista. Assim, apesar dessa figura masculina ser regida por uma pulsão sexual que sente prazer em causar dor no outro, nessa última passagem percebemos esse caráter passivo do personagem ao aguardar a possível chegada da companheira se faz patente. Assim, percebemos que o sadismo e o masoquismo, como componentes da sexualidade humana, encontram-se em diferentes proporções no mesmo indivíduo.

Considerações finais

Ao longo da história, as particularidades que recobrem a sexualidade humana, sempre foram de grande interesse para diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a medicina, mais especificamente, a psiquiatria e a sexologia. Mas, com o surgimento da psicanálise, a sua compreensão pode ser perfeitamente segmentada em dois períodos: um anterior e outro posterior às contribuições freudianas.

Assim, ao percorremos a narrativa analisada neste trabalho e, tendo como base todo o teatro erótico produzido no campo da imaginação e da possibilidade pelo protagonista masculino, pudemos apreender, a partir dos construtos teóricos de Sigmund Freud, algumas marcas particulares de uma relação sadomasoquista e daqueles que a compõem. Percebemos que a perversão, especialmente o sadismo e o masoquismo, são uma parte constituinte do ser humano e sua patologia se dá quando essas categorias substituem o espaço da normalidade pelo viés da exclusividade e da fixação.

Referências

- BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- FERNANDES DE, Rinaldo. **50 versões de amor e prazer: 50 contos eróticos por 13 autoras brasileiras**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão. Coleção Clínica Psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FREUD, Sigmund. “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: _____. **Obras completas, volume 14: História de uma neurose**

infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

_____. O problema econômico do masoquismo. In: _____. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923 –1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

_____.Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras completas, volume 6:** três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.